

Experiências leitoras de graduandos de Ciências Sociais**Reading experiences of Social Sciences undergraduates**Míriam Martinez Guerra¹

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Resumo

Este estudo investigou experiências leitoras de estudantes de Ciências Sociais vinculados à Universidade Federal do Norte do Tocantins. As experiências leitoras dos estudantes revelam como eles tomam parte nos eventos onde textos escritos estão presentes, quer seja no conjunto de eventos da universidade ou em outros domínios de suas vidas. A pesquisa foi desenvolvida a partir da perspectiva sociocultural dos Estudos de Letramento, ligada à área da Linguística Aplicada e embasada pela concepção bakhtiniana de linguagem. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa-interpretativista e do tipo estudo de caso. Os participantes são estudantes que ingressaram no Curso de Ciências Sociais entre os anos de 2020 a 2022. Para coleta e geração de dados utilizamos questionário de pesquisa, diário de campo e documentos cedidos pela secretaria acadêmica. Os resultados obtidos denotam como tais estudantes evidenciam gêneros discursivos mais próximos de suas vidas e revelam alguns dos eventos de letramento que eles tomam parte no cotidiano acadêmico e não acadêmico.

Palavras-chave

Estudantes universitários. Evento de letramento. Leitura.

Abstract

This study investigated the reading experiences of Social Sciences students linked to the Federal University of Northern Tocantins. Students' reading experiences reveal how they take part in events where written texts are present, whether in the university's set of events or in other domains of their lives. The research was developed from the sociocultural perspective of Literacy Studies, linked to the area of Applied Linguistics, and based on the Bakhtinian conception of language. This is research with a qualitative-interpretative approach and a case study type. The participants are students who entered the Social Sciences Course between 2020 and 2022. To collect and generate data, we used a research questionnaire, field diary and documents provided by the academic secretariat. The results obtained denote how these students demonstrate discursive genres that are closer to their lives and reveal some of the literacy events that they take part in in their academic and non-academic daily lives.

Keywords

Undergraduate. Literacy events. Lecture.

¹ Professora adjunta na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). É membro da Associação de Linguística Aplicada (ALAB) e da Associação de Leitura do Brasil (ALB). Doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura - PPGL pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), graduada em Letras (Português/Inglês) pelas Faculdades Integradas Claretianas (UNICLAR-Rio Claro/SP) e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro/SP). ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-5683-8588>.

Introdução

O que pretendemos tomar como objeto de estudo, nesta proposta, são as experiências leitoras de estudantes ingressantes no curso de Curso de Ciências Sociais (licenciatura), vinculados à Universidade Federal do Norte do Tocantins².

Investigar as experiências leitoras dos estudantes ingressantes na universidade pode favorecer o conhecimento de como se constitui o grupo de estudantes matriculados no curso. Esse tipo de estudo pretende visualizar práticas de leituras desenvolvidas pelos estudantes em diferentes contextos sociais, no intuito de tornar evidente traços de suas histórias de letramentos, quase sempre pouco visíveis aos olhos das agências e agentes de letramento³.

Os modos como os estudantes ingressantes na universidade acessam materiais escritos para leitura acadêmica ou por fruição, seus lugares para ler, as pessoas que influenciam suas leituras, o que eles leem, que autores apontam ter lido, quais memórias eles têm de seus pais ou responsáveis quanto à mobilização de textos escritos no lar, por exemplo, são indagações ligadas à compreensão de letramento numa perspectiva “ecológica”, como expõe Barton (1994), com base na compreensão de que o processo de se constituir letrado envolve interação com uma multiplicidade de gêneros discursivos (orais, escritos e imagéticos) que tomam parte em “práticas de letramento”⁴ mobilizadas por eles, ligadas aos “eventos de letramento”⁵ de que eles participam.

A noção de letramento aqui defendida parte de uma concepção sociocultural, advinda do campo dos Estudos de Letramento, na qual letramento é tido como um conjunto de práticas sociais de uso da escrita, num sentido mais amplo que as práticas escolares que envolvem a linguagem escrita, ainda que estas estejam inclusas (Kleiman, 2010).

Nessa perspectiva, letramento é entendido como um “conjunto de práticas sociais relacionadas ao uso, à função e ao impacto da escrita na sociedade” (Kleiman, 2000, p. 19). Essa concepção de letramento, conforme nos mostra a autora, funda-se na pesquisa de antropólogos, historiadores, sociólogos que defendem que as práticas de uso da escrita são determinadas culturalmente, com “modos específicos de funcionamento” que “têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder” (Kleiman, 1995, p. 11). Essa compreensão de letramento traz o entendimento de que o processo de se tornar letrado é identitário (Kleiman, 2010, p. 376).

² Este estudo foi apresentado no 13º Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.

³ Por “agência de letramento” compreendemos os espaços sociais onde o texto escrito é um elemento relevante, tal qual a escola, a igreja, o local de trabalho etc. (Kleiman, 1995).

⁴ A ideia de “prática de letramento” (Hamilton, Barton, 2000; Kleiman, 1995; Street, 1984) está relacionada às maneiras culturais ligadas ao evento onde a pessoa é participante. Assim, uma prática pode ser visibilizada a partir do evento, por meio dos discursos que permeiam tal evento.

⁵ A noção de “evento de letramento” é compreendida aqui com base nas palavras de Heath (1983, p. 196) – “um evento diz respeito à situação em que um portador qualquer de escrita é parte integrante da natureza das interações entre os participantes e de seus processos de interpretação”.

Assim, podemos considerar que o ingresso do jovem ou adulto numa instituição de ensino, como a universidade, é um marco em sua história de letramento, dado que a pessoa passa a experienciar eventos e práticas de letramento distintos da vida ordinária, num contexto social diferenciado de outros contextos educacionais. Moss (1987, p. 46 *apud* Ivanic, 1998, p. 7) aponta que o ensino superior é definido por estudos relativamente isolados que ocorrem num processo autônomo de ensino e aprendizagem, no qual os estudantes são encorajados a construir pensamentos e formas de aprender “independentes”, num espaço institucional tradicionalmente marcado por valores que todos os estudantes ingressantes devem aprender – uma cultura institucional acadêmica.

Ao tratar da questão identitária do estudante universitário, Ivanic (1998) representa o momento de ingresso na universidade por meio de uma metáfora baseada nas experiências vividas por Roach (1990 *apud* Ivanic, 1998, p. 8), descritas num artigo intitulado “Marathon”: “a academia me fez sentir como um boneco de marionete, como um Alien de outro planeta [...]”⁶. Tal fala traz indícios de que o momento de ingresso no ensino superior, por vezes, é associado a uma fase da vida ligada à mudança, dificuldade, sentimentos estranhos, crise de confiança e à necessidade de descobrir as regras de um mundo não familiar (Ivanic, 1998).

No momento de ingresso nesse espaço institucional, a não familiaridade dos estudantes com a cultura acadêmica está ligada aos conflitos entre saberes advindos de mundos diferentes – o mundo das experiências vividas pelos estudantes ingressantes não é constituído pelos mesmos comportamentos e valores que compõem a cultura acadêmica. Isso em razão de as histórias de letramentos dos estudantes se constituírem a partir de uma “cultura subjetiva” (Bakhtin, 2010, p. 43), construída no âmbito do

mundo da vida (este é o único mundo em que cada um de nós cria, conhece, contempla vive e morre) – o mundo no qual se objetiva o ato da atividade de cada um e o mundo em que tal ato realmente, irrepetivelmente, ocorre, tem lugar. O ato da atividade de cada um, da experiência que cada um vive. [...] Somente o evento singular do existir no seu efetuar-se pode constituir esta unidade única (Bakhtin, 2010, p. 43).

O mundo da vida é o mundo em que o ato, no sentido bakhtiniano, realmente se desenvolve, é um momento unitário e singular concretamente vivido: é um mundo visível, audível, tangível, pensável, inteiramente permeado pelos tons emotivos-volitivos da validade de valores assumidos como tais. Cada estudante tem um centro de valores e de vivências que parece entrar em choque nos momentos introdutórios na universidade, esse momento conflituoso está ligado às formas de uso da língua(gem) vinculadas ao discurso acadêmico, tal qual demonstram Lea e Street (2014), Bezerra (2015), Fuza, Fiad e Gomes (2015), Fischer (2008), para citar alguns.

Pode-se afirmar que os autores desses estudos são unânimes em afirmar que, ao investigarmos as práticas letradas em que os estudantes ingressantes na universidade estão envolvidos, “em vez de destacar os déficits dos alunos, a abordagem do modelo de

⁶ Tradução nossa de: “Academia has made me feel like a puppet on strings, like an Alien from another planet [...]” (Roach, 1990, p. 5 *apud* Ivanic, 1998, p. 8).

letramentos acadêmicos coloca em primeiro plano a variedade e a especificidade das práticas institucionais e a luta dos estudantes para que essas práticas façam sentido” (Lea, Street, 2014, p. 491).

Tais colocações foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo, que pretendeu, como já exposto, conhecer práticas leitoras de estudantes que há pouco tempo ingressaram na cultura universitária, no sentido de entender os “lugares” que gêneros escritos estão inscritos em suas vidas.

Este artigo foi organizado em três partes. A primeira sessão está centrada em questões de ordem metodológica. Em seguida, focalizaremos as experiências leitoras na vida cotidiana dos estudantes e, posteriormente, trataremos das maneiras como as experiências leitoras no âmbito universitário são declaradas/evidenciadas por eles, a seguir.

Caminhos metodológicos

Os caminhos metodológicos percorridos para a realização desta pesquisa, de abordagem qualitativa e do tipo estudo de caso (Nunan, 1995), envolveram a participação de estudantes ingressantes, entre os anos de 2020, 2021 e 2022, no curso de Ciências Sociais – UFNT, localizado na cidade de Tocantinópolis, estado de Tocantins, região norte brasileira conhecida como Bico do Papagaio (parte da Amazônia Legal), circunvizinha ao estados do Maranhão e do Pará.

Este estudo, apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Tocantins⁷, contou com a participação de uma aluna bolsista PIBIC-CNPQ, por meio do desenvolvimento do projeto intitulado: “Percepções leitoras de alunos ingressantes na Universidade Federal do Norte do Tocantins”⁸. A partir da coleta de dados junto à Secretaria de Cursos e Secretaria Acadêmica da universidade foi possível acessar documentos sobre o grupo de estudantes referentes, por exemplo, matrícula, local de origem e moradia, forma de entrada na universidade e outras informações pertinentes ao conhecimento do grupo.

Os dados da pesquisa foram gerados com uso de instrumentos como diário de campo e questionário de pesquisa⁹. Vale destacar que o desenvolvimento da pesquisa ocorreu entre o período pandêmico (Covid-19) e o de retorno gradual ao modo presencial de aulas e, em decorrência disso, muitos dos alunos participantes iniciaram suas vidas acadêmicas durante esse período, marcado por formas de interação de modo remoto, o que, por vezes, aumentou os distanciamentos entre calouros, veteranos e docentes e dificultou o diálogo face a face com os estudantes, por exemplo, no momento de apresentação da pesquisa.

⁷ CAE – 49235221.0.0000.5519.

⁸ Estudo realizado, entre 2021.1-2022.2, por Larissa R. F. da Costa, bolsista PIBIC-CNPQ e aluna do curso de Ciências Sociais/UFNT.

⁹ O questionário de pesquisa elaborado para este estudo teve como base o questionário proposto por Vóvio (2007).

Nessas condições, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado, por e-mail, aos estudantes e o questionário pode ser preenchido on-line (via *Google Forms*) ou por meio de cópia impressa, conforme as possibilidades de interação com eles no momento entre a oferta de aulas remotas e o retorno gradual às aulas presenciais na universidade. A partir dos dados gerados, foi possível visualizar algumas das formas de suas participações em atividades letradas, a seguir.

Experiências leitoras nas vidas dos graduandos

Para compreendermos os modos como a pessoa ou grupo se engaja no ensino formal é necessário compreender partes de sua história de vida (Barton *et al.*, 2007), em razão de a participação em eventos letrados (ligados a instituições como a família, por exemplo) trazer implicações para o momento de construção identitária do estudante no ambiente acadêmico. Ou seja, as vivências construídas no lar/família e na comunidade local podem interferir no preparo do estudante para o ingresso na cultura acadêmica, o que nos leva a crer que os sentidos atribuídos à leitura/escrita são regulados pelos contextos sociais (Gee, 1999), embora tais vivências não representem fronteiras sólidas para o “sucesso/fracasso” do estudante.

É consenso, especialmente dentre os docentes, que os estudantes adentram os espaços acadêmicos trazendo consigo forma(s) de utilizar a língua(gem) e experiências plurais relacionadas aos usos de textos escritos. Assim como é notório o fato de os docentes terem expectativas relacionadas ao “como deve agir o estudante no que diz respeito às práticas acadêmicas” (Bezerra, 2015, p. 62), estritamente ligadas à leitura e à escrita, porém, por vezes, pouco é considerado o fato de os estudantes se constituírem um grupo heterogêneo, ainda que eles tenham nascido, concluído o ensino básico e adentrado à universidade na mesma microrregião geográfica, como é o caso dos estudantes participantes deste estudo.

Diversos indícios evidenciam marcas de homogeneidade entre os estudantes ingressantes, denotando certa “unidade” ao grupo - majoritariamente constituído por mulheres jovens, estudantes sem filhos, estudantes solteiros, afrodescendentes (pardos), tocaninenses e maranhenses que tiveram seus processos de escolarização (incluindo pré-escola) em escolas públicas, localizadas na região circunvizinha à universidade na qual ingressaram - região geográfica muito próxima ao local onde nasceram, cresceram e experienciaram dimensões das “culturas do escrito”¹⁰ (Galvão, 2010).

De fato, os modos de ser no lugar de origem ou de residência, cozinhar, falar, assim como o comportamento perante um texto escrito são atividades vinculadas a maneiras culturalmente construídas, por meio de práticas sociais naturalizadas numa comunidade, onde está posto o que Bakhtin (2010) denomina como “cultura objetiva” – constituída por elementos objetivamente válidos, imersos no domínio da cultura a qual certos objetos

¹⁰ Compreendemos que a cultura escrita é o “lugar – simbólico e material – que o escrito ocupa em/para determinado grupo social, comunidade ou sociedade” (GALVÃO, 2010, p. 218).

pertencem - porém, é algo que está fora da experiência subjetivamente vivida. A experiência vivida pode ser concebida como parte do mundo da vida, algo construído no interior dos objetos de uma sociedade já estruturada/institucionalizada.

Aparentemente em consonância a tal posicionamento, Jorge Larossa Bondía (2002) traz a noção de experiência como algo intrinsecamente ligado à linguagem, ao uso subjetivo das palavras. A experiência estaria relacionada aos sentidos subjetivos atribuídos “ao que nos acontece”, “ao que nos toca”. Fora do interior subjetivo do indivíduo e de sua palavra não há lugar para a experiência. O “saber da experiência”, segundo o autor, é entendido como algo individual, subjetivo, particular que não está fora de nós, e sim toma parte no nosso conjunto de valores, posicionamentos, formas de estar no mundo, nas práticas ligadas às atividades que tomamos parte. O saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento (socialmente validado) e as atividades vivenciadas.

Assim, podemos conceber que as histórias de letramentos são construídas com base nas experiências individuais com textos escritos, acessados em distintos eventos letrados e “vias de entrada” às culturas do escrito, tal qual informa Galvão (2010): a escola, a igreja, a família, a biblioteca, o trabalho, a feira, o teatro, o cinema, manifestações culturais etc.

No caso dos estudantes, eles informam que o lugar da cidade que mais frequentam é “casa de familiares”. Para os estudantes, a instituição familiar se constitui uma dimensão trazida por meio das memórias que eles têm sobre as práticas leitoras de seus pais, por exemplo. Quando crianças, os estudantes declaram ver seus pais lendo jornal, panfleto e, principalmente, ensinando ou acompanhando crianças em tarefas escolares. Nota-se, tal qual afirma Galvão (2010), a figura da família como uma importante via de acesso a textos escritos.

Ao lado da instituição familiar, a escola é tida como a principal agência de letramento de nossa sociedade (Kleiman, 1995), relevante via de entrada e circulação de materiais de leitura (Galvão, 2010) e isto aparece implícito nas palavras escritas por um dos estudantes do grupo, ao responder a seguinte pergunta do questionário de pesquisa: “você lembra de autores da literatura que considera bons ou importantes?”:

Resposta escrita pela estudante de graduação no questionário de pesquisa

“Maurício de Sousa [...] considero que seja a forma mais divertida de introduzir as crianças a gostar de leitura, me lembro de ler na infância. Monteiro Lobato, com as histórias do Sítio do pica-pau amarelo. Leituras, no início da construção da personalidade, são importantes porque acabam sendo influentes na vida das crianças e perduram até a vida adulta”.

Fonte: Dados da pesquisa (2023)

A escrita da estudante evidencia algumas de suas práticas leitoras na infância (“me lembro de ler na infância”). Ambos os autores evidenciados são consagrados por agentes e agências sociais, tal qual os professores da escola. Embora não tenha ficado claro em qual das instituições (escola ou família) o evento de letramento ocorreu, ao lembrar de ler na infância, é possível notar marcas valorativas da estudante em relação: à importância que ela enxerga quanto ao tipo de leitura introdutória na infância; à escolha de autores; à relevância

de introduzir as crianças à leitura por meio de certos gêneros escritos literários e quanto à influência de práticas leitoras desenvolvidas na infância nas demais fases da vida (as leituras “acabam sendo influentes na vida [...] e perduram até a vida adulta”).

Uma das maneiras de a leitura na infância “perdurar” na vida adulta diz respeito ao gosto da pessoa pela leitura. Ainda que a relevância da leitura para as vidas das pessoas seja algo inquestionável nas afirmações dos estudantes (predomina a ideia de que a leitura é essencial para o desenvolvimento da pessoa), a expressão “gostar mais ou menos de ler” aparece na mesma proporção que “gosto muito de ler”, indicando que o gosto pela leitura é algo individualmente construído no mundo subjetivo de cada um, a partir de textos escritos socialmente circulantes na sociedade, num momento sócio-histórico específico, e está fortemente relacionado à disponibilidade de materiais escritos e às experiências construídas a partir do acesso a certos gêneros escritos.

Sem dúvida, a escola e seus agentes têm papel central na construção das experiências leitoras dos estudantes. A figura do educador da escola/universidade aparece como o maior influenciador pela formação do gosto pela leitura e das indicações de leitura desses estudantes. Os professores e colegas de escola/faculdade são citados como as pessoas que mais costumam conversar sobre o que eles leem. Por outro lado, dentre as declarações, é pouco evidenciado os modos de participação da família nas atividades leitoras desses estudantes.

Outras vias de acesso a textos escritos são apontadas como partes das experiências leitoras dos estudantes, tais como a igreja (por meio da participação em cultos religiosos), a visita à casa de amigos, participação no comércio local (lojas e academia) e o contato com o objeto livro. A leitura de livro figura dentre as atividades que os estudantes declaram exercer no tempo livre. Na vida desse grupo de alunos, a disponibilidade de livros está predominantemente ligada ao espaço acadêmico – biblioteca escolar e biblioteca universitária – e à *internet*, principalmente por meio de *downloads* de livros digitais ou digitalizados.

Os estudantes citaram diversos autores e obras que conhecem e/ou já leram. Os títulos de livros citados voltam-se majoritariamente à literatura ficcional estrangeira, títulos escritos por autores como George Orwell, Jane Austen e Agatha Christie figuram dentre as indicações. Dentre os autores conhecidos por eles, os estudantes citaram diversos autores da literatura brasileira, com predomínio de Machado de Assis. Além de autores como Raquel de Queiroz, Eça de Queiroz e Clarice Lispector.

Ainda que o ambiente urbano onde muitos deles vivem pouco favoreça a formação de leitores de livros, por não haver livrarias ou biblioteca (ou sala de leitura) municipal pública, e a atual condição financeira dos estudantes limite sua posse de livros (dado que a renda familiar predominante no grupo é de um a menos de dois salários mínimos mensais), a *internet* torna-se uma importante via de acesso a livros e outros materiais escritos, uma maneira estratégica de “quebrar” fronteiras (físicas e financeiras, por exemplo) que podem limitar a participação dos estudantes nos mundos do escrito. Via *internet*, os estudantes afirmam (além de fazer *download* de filmes e livros) ler e-mails, ler no *Twitter*, *Instagram*, *Kindle* e em sites onde circulam, predominantemente, gêneros escritos jornalísticos – G1, Uol notícias e BBC.

Interessante notar que não foi citada nenhuma manifestação cultural popular como um espaço para leitura de textos escritos, embora diversas festas populares ocorram na cidade de Tocantinópolis e locais circunvizinhos, onde os alunos vivem. Além disso, observa-se que não foi mencionada a participação deles em espaços culturais, como cinema, museu, teatro e clubes, o que nos leva a crer que tais espaços (ainda que existissem fisicamente no local, como é o caso de um clube recreativo privado - AABB) não aparecem, dentre os dados gerados, como ausências significativas às suas experiências leitoras.

Por outro lado, percebe-se a presença dos ambientes acadêmicos locais (escola e universidade) como agências propulsoras tanto da participação dos estudantes em eventos diversos quanto da formação de leitores. Embora tais agências não sejam as únicas envolvidas nos processos formativos do leitor, elas são altamente significativas na construção da identidade leitora do estudante e, por conseguinte, na aproximação do estudante a modos de argumentar e se comportar frente aos gêneros escritos que permeiam os espaços nos quais as atividades estão centradas no tipo de discurso acadêmico.

Práticas leitoras da/na universidade

As práticas leitoras “da” universidade (ou seja, aquelas socialmente dominantes e legitimadas) são distintas de outras práticas de leituras familiares aos estudantes, as que os estudantes carregam consigo à universidade, portanto, são práticas leitoras presentes “na” instituição de ensino, ainda que não sejam reconhecidas nesse ambiente. (Elas são práticas pertencentes ao que Street (1984) denominou como “letramentos marginalizados”).

Tornar-se parte do mundo acadêmico é adentrar uma cultura diferente, constituída por discursos acadêmicos e gêneros discursivos acadêmicos, desconhecidos para os estudantes ingressantes no mundo universitário. A leitura desses gêneros figura dentre os elementos da cultura acadêmica e, portanto, o ato de ler pode se constituir atividades de descobertas, mas também uma fronteira a ser atravessada, o que significa que o estudante terá de ampliar suas experiências com textos escritos, criar estratégias de estudo, dentre outras inúmeras demandas que aparecem com caráter de urgência no início do percurso acadêmico na universidade.

Esse cenário torna-se mais obscuro quando o estudante pertence a um grupo minoritário. No caso de estudantes pertencentes às minorias linguísticas (quer seja alunos imigrantes, como mostram Lea e Street (2014), ou, no caso de alunos usuários de outra língua ou variante linguística que não a “padrão/culta” e que, por vezes, se sentem distantes de diversas dimensões das culturas do escrito), tomar parte nas atividades acadêmicas exigidas para o estudante universitário passa a ser algo ainda mais complexo.

Como inicialmente mencionado, o ingresso na universidade está ligado a um processo identitário (Kleiman, 2010; Ivanic, 1998), “o estudante de graduação precisa construir sua persona social no ambiente acadêmico” (Bezerra, 2015, p. 63). Mas, por vezes, esse processo identitário com o mundo universitário, centrado na linguagem acadêmica, é

atravessado por realidades sociais, políticas e econômicas que não favorecem. Para os estudantes provenientes de famílias sem ou com pouca escolaridade (e com poucos recursos financeiros), o processo identitário com o mundo acadêmico não é algo tranquilo – trata-se de um processo de “aculturação” (Kleiman, 2010). O que está em jogo é a negociação entre práticas ligadas às experiências do mundo da vida e as práticas de linguagens “da” universidade, parte de um universo objetivo e estruturado.

O grupo de estudantes participantes deste estudo ingressou no curso de Ciências Sociais-UFNT, majoritariamente, via SISU – ampla concorrência. O acesso ao mundo universitário, para muitos deles, se deu logo na primeira tentativa de entrada. Para parte significativa do grupo, o ingresso na universidade representou um marco para a família. Em diversos casos, o ingresso na universidade significou a entrada da primeira pessoa da família a cursar ensino superior - oportunidade que a maioria de seus pais/responsáveis não teve, pois muitos deles não concluíram a segunda etapa do ensino fundamental.

No ambiente universitário, os estudantes se depararam com dificuldades diversas. A maior parte delas está ligada aos usos da “linguagem acadêmica”, tal qual eles afirmam por escrito no questionário de pesquisa. Segundo eles, esse tipo de linguagem “é um fator de dificuldade”. A leitura de textos “da” universidade é um fator que motiva a afirmação de que eles se depararam com “textos mais complexos”, em relação aos gêneros escritos que já estão familiarizados.

Interessante notar a comparação, entre o momento anterior ao ingresso na universidade e o momento atual, evidenciada na escrita de um estudante: “anteriormente, a falta da leitura contínua, o hábito de ler estava esquecido. E, atualmente, falta tempo para dedicar à leitura, devido ao trabalho. Ler através do notebook ou celular atrapalha um pouco, devido às restrições da visão”. Nas palavras dessa estudante fica claro a pouca experiência leitora relacionada a certos gêneros escritos, num momento de ingresso à universidade, e alguns dos percalços enfrentados para o desenvolvimento da leitura de textos acadêmicos, especialmente no momento pandêmico. (As leituras requeridas pelos docentes no período pandêmico foram predominantemente realizadas por meio de textos digitalizados, dado o acesso restrito à biblioteca da universidade nesse período).

Adentrar o ambiente universitário possibilita ampliação das experiências leitoras do estudante, o que pode repercutir em mudanças de comportamento/nas práticas discursivas, ainda que as condições não sejam ideais – parte significativa dos estudantes afirma desenvolver suas leituras (de livros ou textos digitalizados) com o uso de celular e alguns conciliam trabalho remunerado e estudo na faculdade no período noturno, dentre outras situações não ideais.

A palavra “tempo” é recorrentemente mencionada pelos estudantes, no que tange às práticas de leitura que desempenham com fins acadêmicos. Diversos estudantes informam ter tempo escasso para realização de leituras de textos escritos demandados na universidade. Um ponto relacionado à tal colocação diz respeito às horas dedicadas aos estudos acadêmicos (em casa ou outros espaços) declaradas pela maioria dos estudantes participantes da pesquisa - duas horas diárias, o que pode (ou não) causar prejuízo ao bom desempenho acadêmico do aluno. Poucos desses estudantes declaram estudar quatro ou mais horas diárias. Porém, o tempo cronológico dedicado aos estudos (elemento que traz possibilidade de construção

reflexiva sobre as leituras realizadas) faz parte do processo de imersão do estudante na cultura universitária, o que significa afirmar que a dedicação aos estudos traz implicações diretas à construção de experiências (incluindo as leitoras) e da identidade acadêmica.

Concordamos com Bezerra (2015, p. 65-66) quanto à importância do

envolvimento contínuo e crescente do aluno com a leitura e a produção dos gêneros mais valorizados na universidade, ou seja, a sua imersão nas práticas e eventos de letramento que cercam o discurso acadêmico, será um fator decisivo para a construção da sua identidade como participante legítimo e legitimado do ambiente acadêmico.

A participação do aluno em situações letradas como, por exemplo, o desenvolvimento da prática de leitura de gêneros escritos acadêmicos, individualmente ou em pequenos grupos, representa um dos meios que permitirá ao estudante universitário amenizar fragilidades encontradas nos anos iniciais nesse ambiente.

Ao observamos o relato de um dos estudantes: “a base da escrita é a leitura, então, minha maior dificuldade foi no início, quando vim do ensino médio para a faculdade, porque além de não ter muita base de leitura, ainda tinham palavras que eu não conhecia [...]”, percebemos algumas das fragilidades que muitos dos graduandos se deparam. A relação entre as experiências leitoras/escritoras anteriores à universidade é rememorada no momento de construção de novas experiências leitoras/escritora. A leitura e a escrita são postas, pela estudante, como atividades interrelacionadas (“a base da escrita é a leitura”) e ligadas a dificuldades com a linguagem – o uso de um novo vocabulário, provavelmente voltado à área específica do conhecimento.

As experiências dos estudantes na universidade voltam-se a uma variedade de gêneros acadêmicos imbricados no discurso acadêmico – autoritário e organizado por diversas regras institucionalizadas. Uma das regras lembradas e apontadas pelos estudantes diz respeito às normas para trabalho acadêmico propostas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Tais normas são apontadas como elemento impeditivo da escrita acadêmica, mas não são tidas como algo que poderia dificultar a leitura de gêneros escritos acadêmicos, quanto à compreensão das referências e das vozes presentes no texto escrito, por exemplo.

Quanto à familiaridade/mobilização de gêneros discursivos acadêmicos (por meio da leitura ou da produção escrita), o gênero mais informado pelos estudantes é a resenha crítica, seguido do diário de aula, o diário de leitura e o artigo científico. O ensaio, o trabalho de conclusão de curso (TCC) e o resumo expandido aparecem como gêneros menos familiares a eles, portanto, gêneros menos lidos e/ou produzidos por esse grupo de estudantes, no período inicial da graduação.

A indicação de gêneros discursivos acadêmicos, feita por estudantes em fase inicial na graduação, traz algumas “pistas” sobre como tem sido, até o momento, seus percursos de experiências leitoras na universidade. Por vezes, o reconhecimento e/ou a diferenciação de gêneros discursivos acadêmicos (e a própria noção do que vem a ser gênero textual/discursivo) pode parecer estranho a eles, por ser algo inteiramente novo. A clara

proposição de atividades didáticas “a partir” de um determinado gênero poderia favorecer e intensificar as experiências dos estudantes, tornando os gêneros acadêmicos lidos e/ou produzidos algo mais familiar aos graduandos.

Palavras Finais

É preciso que as experiências acadêmicas dos estudantes sejam permeadas por sentidos – sentidos para ler, para escrever etc. As experiências leitoras tornam-se carregadas de significados quando o estudante compreende as razões pelas quais ele foi convidado a ler. Por outro lado, a construção de experiências pertence ao mundo subjetivo do estudante, por isto, ela não é algo que acontece externamente, como assistir uma aula ou ler um texto descompromissadamente.

A experiência é algo que “nos acontece” internamente, razão pela qual duas pessoas, numa mesma situação, não constroem a mesma experiência (Bondía, 2002). Os modos como cada estudante constrói sentido(s), em relação às suas práticas, são particulares/individuais. Para alguns estudantes,

depois de assistir a uma aula ou a uma conferência, depois de ter lido um livro ou uma informação, depois de ter feito uma viagem ou de ter visitado uma escola, podemos dizer que sabemos coisas que antes não sabíamos, que temos mais informação sobre alguma coisa; mas, ao mesmo tempo, podemos dizer também que nada nos aconteceu, que nada nos tocou, que com tudo o que aprendemos nada nos sucedeu ou nos aconteceu. (Bondía, 2002, p. 22).

Dentre as atividades acadêmicas, muitas coisas “se passam”, e, por vezes, muito pouco ou quase nada “nos acontece”, devido a uma multiplicidade de fatores: falta de tempo, excesso de informação, interesses divergentes, dificuldades com a linguagem acadêmica ainda não superadas, dentre outras razões que o estudante tem de aprender a “driblar”.

As maneiras de estudos fora da sala de aula, expostas pelos estudantes participantes da pesquisa, revelam que a prática mais utilizada por eles é a de “assistir vídeos on-line sobre o assunto estudado”. A leitura de texto acadêmico indicado pelo docente aparece como segunda tática mais utilizada por eles, embora eles tenham indicado que também leem o texto e escrevem o que entenderam. Ou, “leem o texto duas vezes ou mais”. E, num menor número de indicação aparece a prática: “leem o texto uma vez e grifam trechos”.

Apesar de os estudantes terem declarado desenvolver tais práticas de estudo, as leituras propostas no âmbito acadêmico nem sempre fazem sentido ao estudante e, por tal razão, as práticas de leituras que eles participam não se configuram experiências leitoras significativas para eles. Diferentemente das experiências leitoras voltadas aos gêneros literários ficcionais indicados por eles, as experiências leitoras de gêneros escritos acadêmicos

podem ser vistas como algo não prazeroso, enfadonho, repleto por palavras desconhecidas pertencentes ao mundo objetivo no qual os saberes de uma cultura dominante estão postos. Isso pode levar o estudante a entender que tais práticas de leitura representam um amontoado de informações aparentemente desconexas entre si, por ocuparem espaço em distintos campos disciplinares.

Quando há pouco (ou ausência de) sentido relacionado às atividades acadêmicas, o estudante sente dificuldades de se inserir no mundo acadêmico, de ampliar suas experiências leitoras e consolidar sua identidade acadêmica. Esse pode ser o caso de alguns dos estudantes que participaram desta pesquisa, ao revelarem incertezas quanto à permanência no curso de graduação e/ou a probabilidade de imersão na pós-graduação num momento futuro. Isso denota que, para alguns, o processo identitário acadêmico na universidade está, nesse momento pós-pandêmico, fragilizado e demanda atenção por parte dos agentes envolvidos.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BARTON, D. **Literacy: an introduction to the ecology of written language**. Oxford: Blackwell, 1994.

BARTON, D. et al. **Literacy, lives and learning**. London: Routledge, 2007.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated Literacies: Reading and writing in context**. London e New York: Routledge, 2000.

BEZERRA, B. Letramentos acadêmicos e construção da identidade: a produção do artigo científico por alunos de graduação. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, Tubarão, SC, v. 15, n.1, p.61-76, jan./abr. 2015.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, Jan./Fev./Mar./Abr. de 2002, p. 22-28.

FISCHER, A. Letramento acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Sci. Lang. Cult.** Maringá, v. 30, n.2, p.177-187, 2008.

FUZA, Â. F.; FIAD, R.; GOMES, L. N. Letramento de acadêmicos do curso de letras: apropriação de gêneros e implicações para a formação do professor. **Interfaces**, vol. 6, n. 1, p. 37-42, 2015.

GALVÃO, A. M. História das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 218-248.

GEE, J. P. **Social linguistics and literacies**: ideology in discourses. London: The farmer Press, 1999.

IVANIC, R. **Writing and identity**: the discursal construction of identity in academic writing. Philadelphia: John Benjamins B. V., 1998.

KLEIMAN, A. B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n.2, 375-400, jul./dez., 2010.

KLEIMAN, A. B. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função. In: **O ensino e a formação do professor**: alfabetização de jovens e adultos. KLEIMAN, A. B.; SIGNORINI, I. (org.). Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. p. 223-243.

KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEIMAN, A. (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

LEA, M. R.; STREET, B. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Filol. Linguísti. Port.**, São Paulo, v. 16, n.2, p. 477-493, jul./dez., 2014.

NUNAN, D. **Research methods in language learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

VÓVIO, C. L. **Entre discursos**: sentidos, práticas e identidades leitoras de alfabetizadores de jovens e adultos. Campinas: UNICAMP-IEL, 2007.